

TECENDO REDES: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O PROJETO MARIA JIQUITAIA

WEAVING NETWORKS: EXPERIENCE REPORT ON THE MARIA JIQUITAIA PROJECT

Consuelena Lopes Leitão¹

Karolayne Rodrigues Silva¹

Rosemary Amanda Lima Alves¹

Flávia Carolina Silva Santos de Castro¹

Iolete Ribeiro da Silva¹

¹Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil

RESUMO

O objetivo deste relato é descrever ações do projeto de extensão Maria Jiquitaia a partir das experiências de uma equipe multidisciplinar. A equipe narra a trajetória do projeto desde sua criação, destacando os métodos participativos interdisciplinares que têm sido usados para construir espaços a partir das relações entre as pessoas e sua conexão com o ambiente. Durante seu desenvolvimento, o projeto incluiu oficinas participativas de economia solidária, bordado em camisas, dança, música, *slackline* e tecido circense. Essas atividades promoveram a participação de meninas e mulheres da comunidade e universidade, assim como de estudantes universitários. Com o tempo, o projeto se expandiu para a comunidade adjacente, mantendo sua identidade original e envolvendo-se em atividades culturais locais. A experiência do projeto é moldada por diferenças, adversidades e possibilidades, mas, sobretudo, visa validar o reconhecimento das violências de gênero e criar estratégias de enfrentamento que transcendem o contexto local. Nesse sentido, o projeto busca criar alternativas viáveis para a construção de metodologias de pesquisa, trabalho compartilhado, cooperação e participação social, promovendo a reflexão ético-política e desafiando as estruturas de poder estabelecidas. O projeto Maria Jiquitaia se tornou um espaço de resistência e práticas colaborativas, em que meninas e mulheres da comunidade e da universidade atuam como agentes ativas na definição das ações. Essa abordagem contribui para a construção de conhecimento contextualizado, fundamentado em perspectivas diversas e voltado para práticas coletivas.

Palavras-chave: rede de mulheres; pesquisa e extensão; gênero.

ABSTRACT

The aim of this report is to describe the actions of the Maria Jiquitaia extension project based on the experiences of a multidisciplinary team. The team narrates the project's trajectory since its inception, highlighting the interdisciplinary participatory methods used to create spaces based on the relationships between people and their connection with the environment. During its development, the project included participatory workshops on solidarity economy, shirt



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

embroidery, dance, music, slackline, and circus fabrics. These activities promoted the participation of girls and women from the community and university, as well as university students. Over time, the project expanded to the adjacent community, maintaining its original identity and engaging in local cultural activities. The project's experience is shaped by differences, adversities, and possibilities, but above all, it seeks to validate the recognition of gender-based violence and create coping strategies that transcend the local context. In this sense, the project aims to create viable alternatives for building research methodologies, shared work, cooperation, and social participation, promoting ethical-political reflection and challenging established power structures. The Maria Jiquitaia project has become a space for resistance and collaborative practices, where girls and women from the community and university act as active agents in defining the actions. This approach contributes to the construction of contextualized knowledge, grounded in diverse perspectives and aimed at collective practices.

Keywords: women's network; research and extension; gender.

INTRODUÇÃO

Para compreender como as pessoas contribuem na formação de seus territórios a partir de redes de relações, memórias, afetos e desejos pessoais, a proposta apresentada tem o intuito de descrever ações do projeto de extensão Maria Jiquitaia a partir das experiências de uma equipe multidisciplinar. A pesquisa parte de métodos participativos interdisciplinares para construir lugares a partir dos sentidos produzidos pelas relações entre as pessoas e sua vinculação com o espaço. A partir de uma imersão com as meninas e mulheres da comunidade e universidade, analisa-se como o envolvimento com o território influencia o fazer coletivo e como as ações do projeto foram e continuam sendo afetadas por essa dinâmica.

A experiência do projeto de extensão Maria Jiquitaia, vinculado ao curso de Psicologia de uma Universidade Pública, parte de um exercício contínuo a partir dos aportes de Anzaldúa (2016), que destacou sua resistência à desvirtuação dos discursos normativos sobre a perspectiva interseccional, que emergiu das teorias feministas e *queer* a partir dos anos 1980. Com ênfase na proposta de manter alianças sem perder de vista a singularidade histórica de cada luta, o relato sobre o projeto de extensão Maria Jiquitaia se caracteriza como uma reflexão ético-política.

Não se assume, nessa proposta, que uma política aparentemente unificada de vivenciar a fronteira resultará necessariamente em emancipação, pelo contrário, a partir da concepção das autoras deste relato, busca-se construir um conteúdo que seja contextualizado às nuances e complexidades das experiências vividas que envolveram avanços e tensões na realização de atividades com diversas oficinas para o enfrentamento da violência sexual contra meninas e mulheres.

Inspirado na diversidade de experiências e encontros que moldaram a iniciativa, o projeto incorporou oficinas participativas como elementos de encontros vivenciais para fomentar a participação ativa de meninas e mulheres da comunidade e da universidade. Essas oficinas incluíram atividades dedicadas à economia solidária, bordado, vendas de camisetas, *slackline*¹ e tecido circense, bem como expressões artísticas, musicais e de contação de histórias. Essa abordagem facilitou a convergência de vozes, necessidades e aspirações, promovendo a troca de conhecimentos e pontos de vista para a elaboração de ações em rede. Essas iniciativas contaram com o apoio da comunidade, bem como de instituições públicas de saúde, ensino, pesquisa e extensão. Além disso, receberam o suporte de diversos movimentos sociais, incluindo Organizações Não Governamentais (ONGs) que atuam na rede de proteção contra a violência sexual de crianças e adolescentes no estado, onde o projeto está inserido².

Além de meninas e mulheres da comunidade e universidade, outros atores sociais participaram ativamente do processo, incluindo estudantes de graduação envolvidos em atividades de estágio e extensão, bem como mestrandos e professores de graduação e pós-graduação. Esses participantes, de diferentes gêneros, contribuíram com suas experiências e conhecimentos ao longo de toda a trajetória do projeto, fortalecendo a iniciativa e promovendo um ambiente colaborativo e inclusivo.

A HISTÓRIA DO PROJETO

O NASCIMENTO DO PROJETO

O projeto de extensão Maria Jiquitaia, voltado para o atendimento de crianças, adolescentes e mulheres, teve início em 2012 em uma unidade de saúde localizada na periferia de um estado da região Norte do Brasil. Situada em um contexto urbano único, essa unidade de saúde desempenha um papel central na vida da comunidade local, não apenas oferecendo serviços essenciais de saúde, mas também promovendo a integração comunitária. A comunidade, apesar dos desafios socioeconômicos, apresenta uma forte identidade, visível nas práticas cotidianas e nas relações com os bairros vizinhos. O local é caracterizado por uma economia informal ativa, com comércios locais que são iniciativas dos próprios moradores, o que influenciou as primeiras atividades do projeto, voltadas para a economia solidária.

Desde o início, o projeto buscou atender às necessidades específicas das meninas e mulheres dessa comunidade, especialmente em questões relacionadas à educação e geração de renda. Observou-se, logo nas primeiras intervenções, que a participação das meninas e mulheres nas oficinas era mais significativa do que nos atendimentos individuais no modelo ambulatorial. Isso levou à criação de práticas colaborativas e

solidárias, como o desenvolvimento de atividades comunitárias que promoviam a cooperação e o acolhimento das participantes.

Um marco importante para o crescimento do projeto foi o encontro de mulheres da universidade com as mulheres da comunidade, que se uniram para formar um coletivo colaborativo. Esse coletivo teve um papel fundamental na ampliação do impacto do projeto, ao integrar diferentes saberes e experiências, tanto do ambiente acadêmico quanto do comunitário. Juntas, essas mulheres passaram a desenvolver novas propostas focadas não apenas na geração de renda e na promoção da autonomia, mas também na prevenção da violência. As oficinas e encontros se transformaram em espaços de troca, onde surgiam iniciativas inovadoras de enfrentamento das múltiplas formas de violência que afetam as participantes.

Uma das primeiras propostas práticas do coletivo foi a criação de atividades de economia solidária, como a produção de camisetas com símbolos que representavam a luta contra a violência sexual. Essas camisetas, bordadas pelas próprias participantes, foram vendidas para a rede de proteção de crianças e adolescentes, especialmente durante o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, celebrado em 18 de maio. Essa atividade colaborativa de bordado ocorreu em dois períodos: de setembro de 2012 a maio de 2013 e, em seguida, de outubro de 2013 a maio de 2014. A venda das camisetas foi fundamental para a manutenção do projeto, além de contribuir para a renda das meninas e mulheres e fortalecer as relações entre elas.

A escolha do nome "Maria Jiquitaia" para o projeto também surgiu dessa interação coletiva. Inspiradas por uma dança circular realizada durante uma das oficinas, em que se cantava o refrão "Pisa ligeiro, pisa ligeiro. Quem não pode com a formiga não atça o formigueiro", as participantes optaram por homenagear a formiga jiquitaia, conhecida na Amazônia por sua capacidade de incomodar e por seu ferrão potente, simbolizando resistência e força frente às adversidades.

As primeiras atividades solidárias, como o bordado das camisetas, foram marcos importantes para fortalecer o vínculo entre as participantes e o projeto. Durante essas ações, as vozes das meninas e mulheres da comunidade e universidade se entrelaçaram, compartilhando experiências e relatos de vida, especialmente sobre as violências vividas. Essas trocas se tornaram a base para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento da violência, ao mesmo tempo em que ajudavam a construir redes de apoio solidárias e participativas. A partir dessa colaboração, o projeto Maria Jiquitaia se consolidou como uma iniciativa de resistência e transformação, ao mesmo tempo em que promove a criação de alternativas viáveis de autonomia e segurança para suas participantes.

A CONTINUIDADE DO PROJETO

Ao longo dos anos, o Projeto Maria Jiquitaia passou por uma transformação significativa, expandindo suas ações e atingindo novos públicos. Inicialmente voltado para atividades pontuais, o projeto começou a englobar mulheres, adolescentes e crianças, com o objetivo de desenvolver ações voltadas para as políticas públicas. As participantes do projeto têm colaborado de maneira contínua e estão construindo uma rede de apoio baseada em solidariedade, independente de crença, raça, etnia, cor ou gênero.

Em 2014, o projeto diversificou suas atividades ao incluir práticas como *slackline*, tecido circense, arte, dança e música voltadas para crianças e adolescentes. Essas atividades permitiram que o coletivo expressasse de maneira criativa e participativa, pois todos os integrantes do projeto participavam dessas práticas, inclusive as meninas e mulheres da comunidade e universidade.

Em 2017, o Projeto Maria Jiquitaia foi oficialmente institucionalizado por uma universidade pública federal, o que ampliou sua visibilidade e a participação de novos colaboradores, incluindo estudantes de psicologia e antropologia. Essa institucionalização fortaleceu as atividades existentes e introduziu uma abordagem decolonial ao projeto. O foco passou a ser o saber local e as perspectivas das próprias participantes, o que possibilitou o desenvolvimento de estratégias eficazes para enfrentar as violências estruturais que afetam meninas e mulheres.

Atualmente, o Projeto Maria Jiquitaia se consolidou como um espaço de escuta e diálogo, onde meninas e mulheres ocupam um papel central na definição e execução das atividades. Suas experiências e saberes são colocados no centro do processo, subvertendo práticas tradicionais de pesquisa e extensão. Esse protagonismo enriquece o processo de construção do conhecimento, tornando o projeto um verdadeiro espaço de resistência. As práticas colaborativas desenvolvidas por meninas, mulheres da comunidade e acadêmicas desafiam as estruturas de poder e os paradigmas estabelecidos de intervenção social.

O projeto também se expandiu para uma comunidade vizinha, localizada às margens de um rio da região amazônica, mantendo a identidade construída em suas práticas cotidianas. Essa nova comunidade é caracterizada por sua rica atividade cultural, que inclui festivais folclóricos e danças de rua, os quais se tornaram elementos integradores e promotores da expressão cultural local.

Ao longo da trajetória do Projeto Maria Jiquitaia, também surgiram tensões que desafiam e desafiam o processo coletivo. Impasses e dificuldades emergem naturalmente, à medida que as participantes trazem diferentes perspectivas e vivências para o espaço de construção conjunta. As divergências não se limitam apenas às opiniões sobre as atividades, mas também abrangem questões mais amplas, como a forma de engajamento político, expectativas em relação ao projeto e a própria

noção de solidariedade. Além disso, as tensões são alimentadas por fatores externos, como a escassez de recursos e o enfrentamento de barreiras institucionais que dificultam a implementação de algumas iniciativas.

Outro aspecto importante são as diferenças geracionais entre as participantes, que interferem diretamente na forma como cada grupo percebe e pensa as atividades do projeto. Mulheres mais jovens, por exemplo, tendem a priorizar questões ligadas à expressão individual e às novas tecnologias, enquanto as mais velhas frequentemente valorizam a preservação das tradições e o fortalecimento de vínculos comunitários mais próximos. Essas diferenças criam desafios na construção de um discurso e de práticas que atendam a todas, exigindo constante negociação e adaptação para que o projeto mantenha sua coesão e propósito.

A cada semestre, apesar de manter muitas das integrantes do projeto iniciado em 2012, o grupo de participantes é renovado, seguindo o calendário acadêmico da universidade, trazendo novos desafios e perspectivas. Com o passar dos anos, o Projeto Maria Jiquitaia assumiu diferentes formas e representações, refletindo sua natureza dinâmica e em constante transformação. Em suas publicizações, banners e materiais educativos, o projeto se configura semestralmente, simbolizado como uma figura mutante que ora assume a forma de uma formiga, ora de uma mulher ou criança. Essa constante evolução reflete o compromisso do coletivo com a construção de um espaço que se adapta às demandas e aos contextos, mantendo sempre o foco na promoção da autonomia, da solidariedade e da prevenção da violência.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA PARA FORMAÇÃO DE REDES PARTICIPANTES

No início de suas atividades, em 2012, o Projeto Maria Jiquitaia contou com uma equipe diversificada composta por 12 meninas e 20 mulheres que frequentavam a unidade de saúde, incluindo 3 líderes comunitárias. Também fazia parte da equipe uma líder comunitária, que colaborava com a ligação entre o projeto e a comunidade local. A equipe profissional era formada por uma psicóloga e uma enfermeira, que apoiavam diretamente as atividades do projeto. Além disso, 4 estagiários e 10 estagiárias de psicologia, oriundos de duas instituições de ensino superior, integravam a equipe, trazendo perspectivas acadêmicas para o trabalho de campo.

Atualmente, a equipe do Projeto Maria Jiquitaia é composta por 8 mulheres da comunidade, 2 professores e 2 professoras do curso de psicologia, entre eles uma antropóloga. Além disso, o projeto conta com 10 graduandos de psicologia, dentre alunos de pesquisa e extensão, 1 graduanda de direito, 5 mestrandas de psicologia, 1 mestranda de saúde coletiva e 2 líderes comunitárias, uma delas é assistente social e conselheira tutelar, que colaboram na gestão e execução das atividades. O grupo de participantes também inclui 30 crianças, entre meninas e meninos, que

se beneficiam das ações desenvolvidas. Essa nova configuração reflete a expansão do projeto, que agora é parte de uma ação conjunta de extensão envolvendo 7 programas de pós-graduação e está realizando um programa-piloto de prevenção primária da violência sexual de crianças e adolescentes.

CONTEXTO E ABORDAGEM DO PROJETO

O Projeto Maria Jiquitaia adota uma abordagem metodológica que integra ações de extensão e pesquisa, combinando oficinas participativas com práticas etnográficas. A metodologia é inspirada pelo conceito de “ser afetado” de Favret-Saada (2005), que orienta a equipe do projeto a buscar uma participação ativa e efetiva no contexto comunitário, promovendo o conhecimento compartilhado. De acordo com Goldman (2003, 2005), “ser afetado” envolve o risco de transformação do projeto de conhecimento, possibilitando uma comunicação específica. Nesse sentido, significa assumir o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer, abrindo-se para uma comunicação específica com aqueles com os quais se busca pesquisar.

A abordagem etnográfica, para o Projeto Maria Jiquitaia, tem sido sustentada também pelas reflexões de Oliveira (1996). Com a importância de um olhar e de uma escuta atentos para levantar a complexidade das experiências e práticas culturais. Segundo o autor, a etnografia não se limita a uma observação passiva, mas envolve uma participação que permite uma representação contextualizada das comunidades pesquisadas.

Desde sua criação, o Projeto Maria Jiquitaia evoluiu e diversificou suas atividades para incluir outras metodologias como *slackline*, tecido circense, arte, dança e música, permitindo que o coletivo expressasse suas ações e necessidades de forma criativa e participativa. A institucionalização do projeto, em 2017, por uma universidade pública federal trouxe uma nova dimensão à sua abordagem metodológica.

O envolvimento de estudantes de psicologia e antropologia, aliado a uma abordagem decolonial que valoriza o saber local e as perspectivas das participantes, permitiu a criação de estratégias para enfrentar as violências estruturais. Como destaca Oliveira (1996), a etnografia é uma prática que se baseia na observação e participação atenta para produzir uma descrição densa das práticas culturais, o que contribuiu para o desenvolvimento das atividades do projeto com oficinas com lógicas aproximadas da realidade da comunidade.

Atualmente, o Projeto Maria Jiquitaia está envolvido em uma pesquisa de mestrado e em um programa de extensão da pós-graduação. O projeto está testando um programa-piloto para a prevenção primária da violência sexual contra crianças e adolescentes na periferia e no interior do estado. As atividades incluem debates, rodas de conversa e expressão artística, como dança, teatro e uso de instrumentos musicais, visando promover a reflexão crítica e a construção de espaços seguros na comunidade.

LEVANTAMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE CAMPO

O Projeto Maria Jiquitaia é fundamentado em uma diversidade de abordagens teóricas que ampliam suas práticas e metodologias. A sistematização das informações colhidas é uma etapa na qual os diários de campo são reenchidos. Em 2012, as informações eram coletadas e registradas pelas alunas de graduação em um diário de campo após reuniões semestrais. No entanto, após a pandemia de 2020, a sistematização das informações passou a ser realizada de forma diferente. Atualmente, os diários de campo preenchidos pelas graduandas e mestrandas são compartilhados semestralmente no *Classroom* com os professores. Esses registros são, então, analisados em conjunto com a equipe do projeto e passam por uma avaliação específica feita por meninas e mulheres da comunidade e da universidade que participam do projeto. Essas participantes discutem e avaliam as atividades programadas, oferecendo contribuições para a adaptação e aprimoramento das práticas do projeto.

A prática etnográfica auxilia no levantamento de informações sobre as experiências coletivas e contribuições das participantes, garantindo uma análise contextualizada e reflexiva, conforme descrito por Oliveira (1996). A integração das perspectivas de Grossi, Silva e Costa (2022) é particularmente influente, pois essas autoras destacam a importância de criar um ambiente acadêmico que favoreça o diálogo e a troca de experiências. Elas enfatizam a construção de redes entre diferentes identidades e realidades sociais, sublinhando a diversidade como um elemento para estabelecer conexões e promover aproximações entre pessoas de contextos variados. Essa abordagem facilita o entendimento mútuo e fomenta a colaboração ativa entre grupos diversos.

A teoria da performatividade de gênero de Butler (2018) acrescenta um olhar crítico à análise, mostrando como identidades são construídas e sustentadas por meio de práticas repetidas e ritualizadas. Butler oferece uma visão sobre como as identidades de gênero são continuamente realizadas por meio de ações e discursos, permitindo explorar como as participantes do projeto negociam e expressam suas identidades dentro das dinâmicas sociais em que estão inseridas.

Anzaldúa (2016) é a principal inspiração das atividades, a sua discussão sobre fronteiras e identidades híbridas desafia visões binárias e propõe que as fronteiras culturais e identitárias sejam locais de criação e resistência. Sua perspectiva encoraja uma visão etnográfica que considera a complexidade e a fluidez das identidades, promovendo uma compreensão mais dinâmica das experiências das participantes.

No Projeto Maria Jiquitaia, essas abordagens teóricas são integradas por meio de técnicas etnográficas, como a observação participante. As oficinas participativas desempenham um espaço para a troca de experiências e para a produção de conhecimento contextualizado sobre

as realidades e necessidades das participantes. Além disso, a participação ativa das meninas e mulheres da comunidade e da universidade que fazem parte do projeto é fundamental. Elas discutem e avaliam as atividades programadas, garantindo que o projeto permaneça alinhado com as necessidades e expectativas das participantes.

Como um elemento especial, a dança circular é sempre utilizada como uma atividade de encerramento das oficinas e reuniões. Essa prática não apenas promove um momento de conexão e celebração, mas também reforça o espírito de comunidade e integração entre as participantes.

A análise dos registros, realizada em conjunto com a equipe e complementada pela avaliação das meninas e mulheres, assegura uma análise das realidades vividas pelas participantes. Assim, o Projeto Maria Jiquitaia se destaca por criar um ambiente de pesquisa e aprendizado que vai além da mera produção de conhecimento acadêmico, promovendo também a participação social e o reconhecimento das contribuições das meninas e mulheres envolvidas. O projeto também se dedica à publicação de materiais didáticos e artigos científicos, contribuindo para o diálogo acadêmico e popularização da ciência.

CONSTRUÇÃO DE PONTES E TESSITURA DE REDES

A construção de pontes e a tecelagem de redes são conceitos frequentemente empregados no contexto feminista, simbolizando a importância das conexões solidárias e colaborativas. Teóricas feministas como Anzaldúa (2016) e Butler (2021) trazem contribuições relevantes para essa temática, enfatizando a necessidade de estabelecer vínculos de cooperação e apoio mútuo em diferentes esferas da sociedade. No entanto, é importante reconhecer a diversidade de perspectivas e experiências dentro do feminismo, evitando generalizações e considerando a multiplicidade de formas pelas quais as mulheres se organizam e resistem às opressões. Além disso, a construção de pontes e redes também pode ser interpretada à luz das interseccionalidades presentes nas experiências das mulheres. Autoras como Crenshaw (1989) destacam a importância de considerar as diferentes formas de opressão que as mulheres enfrentam, como aquelas baseadas em raça, classe e orientação sexual. Nesse sentido, a construção de pontes e redes não se limita apenas à solidariedade entre mulheres, mas também à criação de alianças que reconheçam e combatam as diversas formas de discriminação e violência de gênero. Assim, a perspectiva interseccional se soma à compreensão da construção de pontes e redes no feminismo, atenta às múltiplas dimensões da experiência feminina que envolve, inclusive, outras lutas como o enfrentamento da violência sexual de crianças e adolescentes.

Anzaldúa (1993) apresenta o conceito de "*nepantla*", um espaço liminar e ambíguo onde diferentes identidades se encontram e se entrelaçam, promovendo transformações e novas formas de relação. É um termo que significa "no meio" e descreve um estado de transição, em que as

fronteiras de identidade e cultura se tornam fluidas. Para Anzaldúa (1993), esse é um espaço de desconforto, mas também de potencial criativo e transformação pessoal e social. A autora argumenta que, ao atravessar esses espaços, as pessoas podem reconstruir suas identidades de maneira mais autêntica, integrando diferentes aspectos de suas diversas identidades e vivências. A experiência desafia noções fixas de identidade e cultura, abrindo espaço para a complexidade e fluidez das experiências humanas. Nessa perspectiva o projeto Maria Jiquitaia tem se desenvolvido por meio das ações de pesquisa e extensão, trabalhando com o protagonismo de meninas e mulheres da comunidade e da universidade.

No âmbito do Projeto Maria Jiquitaia, o conceito de *nepantla* pode ser interpretado como uma metáfora para a experiência de transição e transformação vivida pelas meninas e mulheres participantes. Assim como descrito por Anzaldúa (1993), elas se encontram em um espaço liminar, onde as fronteiras tradicionais de identidade e papel social se tornam fluidas e contestadas. Nesse sentido, o projeto oferece um ambiente de participação social e acolhimento, permitindo que essas participantes caminhem por pontes com encontros de identidades.

Ao participarem de atividades como oficinas, expressão artística e diálogo comunitário, as mulheres e meninas têm a oportunidade de caminhar por pontes e encontros de identidades que são confrontadas e reconstruídas. O projeto proporciona um contexto em que essas participantes podem questionar e desafiar as normas sociais dominantes, enquanto constroem novas formas de ser e estar no mundo, o que se soma a suas próprias narrativas e contribui para a construção da participação coletiva.

Atualmente, no contexto do projeto Maria Jiquitaia, a ideia de construir pontes e tecer redes pode ser entendida como um convite para caminhar juntas, compartilhando vivências e fortalecendo laços comunitários. As pesquisadoras compartilham histórias e experiências. Esse processo não se trata apenas de criar conexões, mas também de promover a reflexão crítica e a construção de novas narrativas. No contexto do projeto, isso pode ser visto como um convite para explorar novas formas de ser e estar no mundo, em um exercício constante de pesquisar, apreender e aprender.

As pesquisadoras da universidade, inspiradas pela perspectiva de Gilligan (1993), participam ativamente das atividades, envolvendo-se como colaboradoras e aprendizes junto às meninas e mulheres da comunidade. Gilligan (1993), conhecida por seu trabalho sobre a ética do cuidado, destaca a importância de reconhecer e valorizar as diferentes vozes e experiências, especialmente daquelas que historicamente foram marginalizadas.

Assim, as pesquisadoras integram-se ao grupo, compartilhando suas reflexões e vivências, mas também ouvindo e aprendendo com as narrativas das participantes. Ao adotar essa abordagem, as pesquisadoras não apenas contribuem com seus conhecimentos acadêmicos, mas também

aprendem e crescem com as experiências compartilhadas no projeto. Essa postura de participação ativa e colaborativa reforça o exercício contínuo do conhecimento construído de forma coletiva e horizontal, valorizando a diversidade de perspectivas e promovendo participação social.

Ao analisar o projeto Maria Jiquitaia à luz das reflexões de Butler (2018), que discute a ética e a política em contextos adversos, é possível perceber a tentativa de encontrar formas de resistência e de vida ética em meio à vulnerabilidade socioeconômica. Nesse sentido, o projeto se propõe a promover ações de construção de redes em comunidades marcadas por essas dificuldades, buscando fortalecer os laços sociais e promover o bem-estar coletivo.

Além disso, Butler (2018) destaca a importância da mobilização coletiva e da ação política em espaços públicos para desafiar normas e estruturas opressivas. O projeto Maria Jiquitaia segue essa lógica ao promover oficinas e atividades participativas na comunidade, criando espaços de expressão e resistência que possibilitem a reconfiguração das relações sociais. Ao refletir sobre como lidamos com a perda e a violência, Butler (2019) traz elementos relevantes para compreender o contexto de vulnerabilidade em que muitas mulheres e meninas se encontram. O projeto Maria Jiquitaia busca abordar e transformar essas experiências de violência, com apoio e colaboração mútua.

Butler (2021) propõe uma reflexão sobre a não violência como um compromisso ético-político. Essa abordagem pode ser relacionada ao trabalho do projeto, que busca construir práticas colaborativas e de cuidado mútuo na comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura de paz e respeito. Além disso, Butler (2017) questiona a relação entre identidade e política, o que pode dialogar com as discussões sobre identidade, fronteiras e pertencimento presentes nas atividades do projeto Maria Jiquitaia. Butler (2018) propõe uma reflexão sobre a resistência política por meio da performance e da corporeidade, destacando como as ações coletivas podem subverter normas e hierarquias. A noção de gênero e performatividade de Butler (2018) pode ser exercida e utilizada como contestação das lógicas hegemônicas de gênero, por meio de práticas que se repetem no projeto, como a reafirmação das identidades, abrindo possibilidades para a transformação social.

No contexto do projeto Maria Jiquitaia, a noção de performatividade de Butler (2018a) sobre gênero pode ser relacionada à forma como as meninas e mulheres da comunidade constroem suas identidades e enfrentam as normas de gênero hegemônicas. Ao participarem das atividades do projeto, elas não apenas compartilham suas experiências, mas também reconstróem suas narrativas e práticas cotidianas, desafiando os padrões estabelecidos e construindo novas formas de ser e estar no mundo.

O projeto Maria Jiquitaia, ao propor atividades artísticas, busca não apenas desconstruir estereótipos de gênero, mas também oferecer um espaço onde as participantes possam explorar e reivindicar suas

identidades. Por meio dessas práticas, as meninas e mulheres envolvidas têm a oportunidade de questionar e ressignificar padrões culturais e sociais que muitas vezes limitam suas possibilidades de expressão e desenvolvimento pessoal. Dessa forma, o projeto não se limita a promover uma simples troca de experiências, mas, sim, a criar um ambiente de diálogo e construção coletiva de saberes, onde cada participante é agente ativo na produção de novos significados e na construção de novas formas de ser e estar no mundo.

No entanto, é importante reconhecer que essa jornada de agência e desconstrução de padrões pode ser desafiadora e contraditória, especialmente diante das vulnerabilidades sociais e econômicas. Nesse sentido, as pressões sociais e as normas de gênero estabelecidas podem se mostrar ainda mais opressivas, dificultando a reivindicação de suas vozes e vivências como legítimas e significativas.

EM SÍNTESE, A JORNADA SEGUE

A experiência do projeto de extensão Maria Jiquitaia revela a complexidade das interações entre academia, comunidade e feminismo, ao descrever sua trajetória, destacando sua metodologia participativa e suas atividades diversificadas. A abordagem etnográfica adotada permitiu não apenas a observação, mas também a imersão e a participação ativa das pesquisadoras e demais integrantes da equipe e das participantes, gerando um conhecimento compartilhado e contextualizado. Isso contribuiu para a construção de alternativas e estratégias de enfrentamento das violências estruturais, promovendo a reflexão ética e política e a desconstrução de estereótipos de gênero.

As teorias feministas forneceram fundamentos importantes para a compreensão e a prática do projeto, destacando a importância da diversidade de experiências e perspectivas. A ênfase na agência das meninas e mulheres trouxe à tona experiências diversas, desafiando as normas de gênero estabelecidas e promovendo a construção de novas narrativas e identidades.

No entanto, é importante reconhecer os desafios enfrentados pelo projeto, especialmente diante das condições sociais e econômicas presentes no contexto das comunidades em que o projeto tem se desenvolvido. A jornada de desconstrução de padrões pode ser desafiadora e contraditória, mas é nesses momentos de tensão que se revelam as possibilidades de transformação e de construção coletiva.

O projeto Maria Jiquitaia se apresenta não apenas como uma iniciativa de extensão acadêmica que segue uma jornada contínua como um espaço de diálogo, aprendizado mútuo e ação coletiva, em que as fronteiras entre academia e comunidade se diluem em prol da construção de pontes e redes de solidariedade e cooperação.

Agradecemos o apoio à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. Madrid: Capitán Swing, 2016.
- ANZALDÚA, Gloria. Bridge, Drawbridge, Sandbar or Island: Lesbians-of-Color Haciendo Alianzas. *In*: ALBRECHT, Lisa; BREWER, Rose M. (org.). **Bridges of Power: Women's Multicultural Alliances**. Philadelphia: New Society Publishers, 1990. p. 216-231.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: http://educ.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 dez. 2024.
- ANZALDÚA, Gloria. **Interviews**. New York: Routledge, 2000.
- BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. Pode-se levar uma vida boa em uma vida ruim? **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 2, n. 33, p. 213-229, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/140829>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/R4rf3YG4z6ZMhTkLcVQQkPG/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024.
- CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **The University of Chicago**

Legal Forum, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GILLIGAN, Carol. **In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

GOLDMAN, Márcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, [s. l.], n. 13, p. 149-153, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p149-153>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 446-476, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/ZbLf7Zpb9rXF7bqndnd56GPd/?lang=pt>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GROSSI, Miriam Pillar; SILVA, Simone Lira da; COSTA, Patrícia Rosalba Moura. **Tecendo redes em Antropologia feminista e estudos de gênero: 30 anos do NIGS UFSC**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2022.

LEITÃO, Consuelena Lopes. **Limites e possibilidades: uma tentativa de aproximação antropológica com a realidade de adolescentes em situação de exploração sexual na Cidade de Manaus**. 2016. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

LEITÃO, Consuelena Lopes; BRELAZ, Igor. Práticas emergentes em psicologia: uma experiência de intervenção com slackline e tecido circense. *In*: CALEGARE, Marcelo; ALBUQUERQUE, Renan (org.). **Processos psicossociais na Amazônia: reflexões sobre raça, etnia, saúde mental e educação**. São Paulo: Alexa Cultural, 2018. p. 175-192.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 16 dez. 2024.

NOTAS

- ¹ O *slackline* é uma prática esportiva que consiste em equilibrar-se sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos. O atendimento psicossocial ocorre neste tipo de intervenção para mediar afetos, sentimentos e emoções através da psicomotricidade, das palavras e da linguagem. Utilizamos novas formas de realizar atendimentos em

saúde na comunidade e estes instrumentos (*slackline* e tecido circense) têm se mostrado como o caminho para ação e desenvolvimento do protagonismo dos usuários do serviço que é oferecido nesta unidade de saúde por este projeto de extensão. Busca-se neste sentido, que todos os integrantes inclusive a equipe de psicologia formada por psicólogos e estagiários sejam participativos e atuem em conjunto (Leitão e Brelaz, 2018).

- ² Entende-se rede de proteção segundo a definição elaborada por Leitão (2016) em seu trabalho de campo: integração entre instituições que atuam no atendimento a crianças e adolescentes que estão sob risco social ou passaram por violação de direito.

Consuelena Lopes Leitão

consuelena@ufam.edu.br

Docente na Universidade Federal do Amazonasc (UFAM)

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7459-4089>

Karolayne Rodrigues Silva

karol_gois@live.com

Mestranda na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Manaus, Amazonas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7074-3967>

Rosemary Amanda Lima Alves

rosemaryalves19@gmail.com

Mestra pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Manaus, Amazonas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3111-5911>

Flávia Carolina Silva Santos de Castro

flaviacsscastro@gmail.com

Mestranda na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI), Manaus, Amazonas, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4177-355X>

Iolete Ribeiro da Silva

Iolete Ribeiro da Silva@ufam.edu.br

Docente na Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Doutora em Psicologia pela Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9416-6866>